

# Biogás é a nova fronteira do setor energético

(1)

Newton Duarte (2)

A indústria sucroenergética é uma das fortalezas do País, tanto na matriz energética (19,1%) como na matriz elétrica (9,1%, das biomassas). E essa contribuição tem potencial para crescer ainda mais com a produção de biogás.

De acordo com projeções da Associação Brasileira do Biogás (ABiogás), o setor deve investir até o fim desta década um total de R\$ 60 bilhões para entregar um volume de 30 milhões de metros cúbicos por dia de biometano - o que representa, aproximadamente, o atual consumo de gás natural de toda a indústria brasileira.

Esse aumento de produção deve ocorrer naturalmente, na esteira do programa RenovaBio - a Política Nacional de Biocombustíveis, instituído pela Lei nº 13.676/2017, que busca expandir a produção de biocombustíveis no Brasil, visando elevar a produção anual de etanol de 35 bilhões para 52 bilhões de litros até 2030, com o objetivo final de estimular a descarbonização da matriz de transporte ao implementar um certificado denominado CBIOS, que pode ser negociado na Bolsa de Valores - um ativo emitido por empresas licenciadas, que devem ser adquiridos por companhias que distribuam combustíveis fósseis.

Hoje, um total de 308 usinas da indústria de Açúcar e Etanol (A&E) já estão licenciadas para emitir CBIOS. Para dar conta dessa expansão planejada pelo RenovaBio até 2030, a indústria de Açúcar e Etanol precisará fazer uma moagem adicional de estimados 200 milhões de toneladas de cana-de-açúcar, algo equivalente a 30% da safra atual. É justamente essa produção adicional que proporcionará um bagaço excedente que poderá ser aproveitado para cogeração de energia, gerando uma fonte extra de receita para as usinas., uma soma calculada em 7,1 GW adicionais à matriz elétrica brasileira até o ano de 2030, incluindo o aproveitamento da palha. A modernização do parque de bioeletricidade de açúcar e etanol, com retrofit das usinas, poderia adicionar o equivalente a outros 11,9 GW, ou seja, a produção de energia das usinas de biomassa de cana-de-açúcar poderá passar dos atuais 11,9 GW para mais de 30 GW.

Esse crescimento abre uma imensa janela de oportunidade para a produção de biogás. Seja com a biodigestão da vinhaça e da torta de filtro, que podem ser utilizadas na geração de energia; seja na produção de biometano para a injeção nas redes de distribuição de gás natural e como combustível para veículos agrícolas.

É bom que se diga que o Brasil já conta com tecnologia dominada para implementar essa solução. Hoje, 50 usinas produzem energia a biogás – inclusive três usinas sucroalcooleiras, como a Raízen, com sua usina Bonfim, em Guariba (SP); a Cocal, em Narandiba (SP); e Adecoagro, em Ivinhema (MS). Hoje, a capacidade instalada de cogeração de energia a biogás corresponde a 0,4GW, mas estima-se que até 2030 possa chegar a 3,6 GW.

Esse movimento de crescimento já vem sendo claramente sinalizado por algumas das principais indústrias desse mercado. Pioneira entre elas, a Raízen inaugurou, ainda em julho, em Piracicaba (SP), a pedra fundamental de sua segunda planta de biogás, cujo destaque é configurar-se como a sua primeira dedicada à produção de biometano.

O investimento anunciado é de aproximadamente R\$ 300 milhões, a partir de uma joint venture entre a Raízen e a Geo Energética. Com inauguração prevista em 2023, a planta já nasce bem-sucedida. Sua capacidade total de produção, de 26 milhões de metros cúbicos anuais de biometano, tem dois destinatários: a Yara Brasil Fertilizantes e a Volkswagen do Brasil. Ambas firmaram contratos de longo prazo. A Yara receberá 20 mil metros cúbicos por dia para a produção de hidrogênio e amônia verde, enquanto a Volks receberá 50 mil metros cúbicos diariamente, o que fará dela a primeira montadora no Brasil a utilizar biometano na produção de suas fábricas.

Outras gigantes do setor já anunciaram investimentos – entre elas a Tereos do Brasil e o Grupo São Martinho.

Dona de sete usinas sucroenergética no interior paulista, a Tereos do Brasil divulgou, também em julho, seu ingresso no mercado de biogás, com uma nova usina em Olímpia (SP). O empreendimento prevê uma potência instalada de 1 MW, com produção de biometano suficiente para atender o equivalente a mil clientes residenciais a partir de setembro. O projeto é resultado de uma parceria da Tereos e a Lemon com dez anos contratuais de duração, o que revela de antemão a confiança dos investidores com o sucesso da iniciativa.

Já o São Martinho deve investir R\$ 160 milhões no setor de biogás. A empresa ainda está analisando modelos de negócios e tecnologias, mas já sinalizou que a tomada de decisão acontecerá até o fim deste ano. “Biogás não será uma diversificação (dos negócios). Vai ser parte do negócio”, disse o diretor financeiro da companhia, Felipe Vicchiato, em teleconferência com analistas e investidores, em junho.

As concessionárias de gás canalizado também estão atentas. Em São Paulo, a GasBrasiliiano será a primeira do País a distribuir 100% de biometano em uma rede dedicada que está construindo no oeste paulista. Essa iniciativa é resultado de um contrato com a já mencionada usina Cocal. O gás, cuja planta tem potencial de produção estimada em até 25 mil metros cúbicos/dia, será entregue aos municípios de Presidente Prudente e Pirapozinho. Em dezembro, a Companhia de Gás do Estado do Rio Grande do Sul (Sulgás), assinou um contrato com a SebigasCótica, que prevê o suprimento de 15 mil metros cúbicos/dia de biometano a contar de 2024 – a partir, nesse caso, do tratamento integrado de resíduos da atividade agrossilvopastoril. Também na região Sul, a Companhia Paranaense de Gás (Compagas) prevê lançar neste semestre uma chamada pública específica para contratação de biometano.

A movimentação de todos esses players vem sendo acompanhada com bastante interesse por diversos elos da cadeia produtiva – e também pelo mercado financeiro, cada vez mais interessado em uma agenda de descarbonização estimulada pelo mercado financeiro mundial, que impulsiona as empresas listadas na Bolsa de Valores à adoção de políticas de ESG (Environmental, Social and Governance).

É exatamente essa necessidade que abre um bom espaço para o crescimento da produção de biogás, um combustível e que reúne atributos incomparáveis – é uma fonte sustentável, renovável, competitiva, resiliente, limpa e, não menos importante, próxima dos centros de consumo.

(1) Artigo publicado na Agência CanalEnergia. Disponível em: <https://www.canalenergia.com.br/artigos/53220124/biogas-e-a-nova-fronteira-do-setor-energetico>. Acesso em 02 de agosto de 2022.

(2) Newton Duarte é presidente executivo da Cogen (Associação da Indústria de Cogeração de Energia).